

Luiz Sávio de Almeida



Raízes do Comunismo em Alagoas

Parte 1

Maceió - 1992

www.historiadealagoas.com.br

Raízes do Comunismo em Alagoas (I)*

Luiz Sávio de Almeida

Para o meu grande amigo Geraldo de Majella.

I – Quatro pontos a considerar

O objetivo deste trabalho é mais de narração, do que propriamente de análise e intenta recuperar, embora superficialmente, o quadro político da sociedade onde se estrutura o comunismo alagoano. Existem alguns pontos que norteiam o trabalho e, obrigatoriamente, devem ficar claros, para que melhor seja entendida a forma como o artigo é construído e a finalidade a que se propõe. No entanto, é preciso ficar evidente, o fato de que se deseja contar um caso, no que se exclui toda e qualquer assustadora construção teórica em cima dos fatos.

Em primeiro lugar, deve ser considerado que um movimento comunista aconteceu nas Alagoas, na medida direta em que se formalizou em termos de um partido e este era centralizado e posto no nível de uma coordenação internacional do movimento, sob a liderança da União Soviética. Evidentemente, esta colocação introduz uma série de questões e a mais séria, para o objetivo deste trabalho, consiste em verificar como termos de ação indicadas de fora, eram filtrados por diversos níveis organizacionais, até se fazerem alagoanos, até se colocarem dentro da estrutura agrária de Alagoas.

Em segundo lugar, convém deixar claro, que este partido não se organiza por acaso e nem aparece na vida política de Alagoas, como espécie de caso fortuito; havia, portanto, toda uma história de esquerda em Alagoas, da qual este partido, obrigatoriamente, seria herdeiro. Tanto é assim, que alguns de seus primeiros componentes, já haviam sido militantes do movimento anarquista e tiveram expressão nos episódios de 1917 e nos de 1919/1920.

Em terceiro lugar, devemos levar em conta que o aparecimento de um Partido Comunista em Alagoas, representa uma completa inovação dentro do quadro político, que se delineava. Formaliza, portanto, dentro deste contexto, a existência de uma organização militante, para a qual o sentido da luta de classe era uma questão radical.

* Texto extraído da revista Debates de História Regional, do Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, nº 01 – 1992.

Em quarto lugar, convém considerar que o modo como se institucionaliza e as condições de força dentro das quais atua, levam a que se monte destinado a realizar uma **revolução** e, daí, fica estabelecida o que se poderia chamar de cultura interna **conspirativa**.

Estes quatro elementos são básicos para gerar o **sovietismo alagoano**, um complexo que envolvia desde a demanda pelo heroísmo militante, até o esforço de realizar a revolução, em cima de um operariado, cuja expressão deveria ser vista dentro de um palheiro. Isto, sem dúvida, demonstra o heroísmo da militância, a bravura que seria exigida, mas aponta para um descompasso entre o propósito e a possibilidade. Neste sentido, agravando as condições de operação, a dificuldade de articulação de células e de não estar em um espaço não aberto seria correlata à estrutura que seria montada pelo Estado, no sentido de **repressão**. Aliás, o Estado foi testado durante a greve de **Jaraguá** e comprovou a sua capacidade de interferência, pelo aniquilamento da organização operária, realizada no Governo de **Fernandes Lima**. Como se pode ver, a história do Partido Comunista do Brasil nas Alagoas, somente pode ser tratada, posta no contexto geral da luta política. É este o seu cenário e são estas as suas raízes.

II — Uma bibliografia escassa

Ao leitor mais diretamente interessado no assunto, devemos dizer que a bibliografia diretamente associada ao tema operário é escassa no que diz respeito ao nosso Estado. Para o que acontece na fase imperial e nos primeiros tempos republicanos, tem-se um trabalho do Professor **Moacir Sant'Ana** e outro de nossa autoria. Passando para as fases recentes, existe apenas um trabalho de **Paulo Décio**, sobre o movimento rural. Isto demonstra o quanto se tem por realizar e aponta, também, que mesmo o começo de uma vida acadêmica em **Maceió**, não foi suficiente para animar a preocupação com o problema de se escrever uma história dos segmentos não vistosos da sociedade; neste caso, seria a história da procura de uma expressão política, por parte dos operários, ou por quem argumentava do seu lado, expressava o interesse do trabalhador. A temática é uma fronteira aberta, a demandar esforço para a garimpagem de documentos e de informações em geral.

III — O agradecimento necessário.

Devo agradecer a **Geraldo de Majella**, à época um dos dirigentes do **Partido Comunista Brasileiro em Alagoas**, pelo incentivo

quase diuturno e pelas conversas quase intermináveis. Neste sentido, também, devo agradecer a **Alberto Passos Guimarães** cuja acolhida foi franca e fraterna, deixando-se aborrecer por inúmeros telefonemas e cartas. Tenho também de mencionar o nome de **José Maria Cavalcanti**, que, inclusive, deslocou-se de Niterói para Maceió e nos ajudou a remontar, parte da trajetória do **Partido Comunista do Brasil**, nas Alagoas.

Devo falar na ajuda do Deputado Federal **Eduardo Bomfim**, do **PCdoB**, pela busca de documentos na Câmara Federal. Agradeço, também, a **Norma de Góes Monteiro** pela ajuda no **Arquivo Nacional**; **Moacir Sant'Ana** — amigo antigo — nos foi de extrema valia no **Arquivo Público de Alagoas**, facultando-nos compulsar material inédito sobre o integralismo no Estado. Tenho de agradecer à **Arquidiocese de Maceió**, pela permissão para a consulta de seus arquivos. Agradeço também a disponibilidade do historiador maçônico **Wolney Leite**; pelos comentários realizados sobre o funcionamento da maçonaria, na época do **Estado Novo**.

Agradeço também a **Benedito dos Santos**, auxiliar de serviços gerais do **Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas**, pela paciência em atender com a multidão de jornais. Devo mencionar, também, o nome do Professor **Jayme Lustosa de Altavila**, diretor da **Biblioteca Pública Estadual**, pela atenção fraterna, com que permitiu acesso ao acervo daquela casa. Ainda dizendo obrigado, aparece o Deputado **Dilton Simões** do **PSB**, que nos deu condições logísticas de operação, bem como o vereador do mesmo partido, **Ronaldo Lessa**.

Desejo destacar os nomes dos professores **Gildo Marçal Brandão**, **Severina Lin s Abreu** e **Douglas Apprato Tenório**; os primeiros fizeram uma leitura do manuscrito e aconselharam a publicação, enquanto o segundo viabilizou a sua publicação.

No entanto, desejo dizer, em alto destaque, o nome de **Myrian Rocha Cavalcanti de Almeida** que aceitou, sem o mínimo transtorno, dois anos de vida em grande parte retirados do convívio familiar, para o exame paciente de uma imensidão de papéis velhos; alguns deles, bolorentos.

IV — O termo do enfrentamento

Nós éramos uma sociedade de nítida base rural, com a renda sendo gerada predominantemente, através de dois produtos, já consagrados na matriz de produção do século passado: açúcar e algodão. Estes produtos gerenciavam, basicamente, a massa salarial jogada no mercado e articulavam uma continuidade indústria/agricultura, na qual estava instalado o rol de interesses diretos do capital financeiro, representado em bancos, casas comerciais, pes-

soas físicas, muitas das quais eram relacionadas a fundos agrícolas, tanto diretamente quanto através do Instituto político da parentela.

Nós não sustentaremos que exista uma relação mecânica entre produção e poder, mas as implicações deste quadro levam a que estivesse consolidado o poder do patronato rural e se a **revolução de trinta** teria de ser feita nas Alagoas, teria de passar por esta consolidação do poder, sofrer uma filtragem e adequar seus termos à estrutura alagoana. Este poder consolidado seria o primeiro enfrentamento comunista, dentro do perfil de novas alianças da elite, que o processo de 30 desencadeia, aguçando-se o embate, na medida em que o **Partido Comunista do Brasil** tem em sua frente a ditadura e a **Ação Integralista Brasileira**.

Na medida portanto, em que o **Partido Comunista do Brasil** passa a desenvolver as suas atividades, encontra de imediato o clima político de 30 com a máquina repressiva do Estado em alerta máximo e com a elite em busca de novas alianças e um dos termos de convergência seria a demonstração da existência de um inimigo comum. Por outro lado, a tarefa deste partido, conforme se propunha, era a integração da classe trabalhadora na luta por sua liberdade e da qual, organicamente, seria expressivo.

V — O primeiro governo revolucionário

Na medida em que foi aclamado, depois de um longo conchavo (não o abordaremos aqui), o primeiro governo revolucionário tomou uma série de medidas usuais para o momento: moralização administrativa, saneamento financeiro, indicações de planejamento, apurações de desmandos e outras semelhantes. Não há e não poderia haver qualquer indicação, de que se destinaria a interferir no modo como a produção estava organizada no Estado; o rumo teria que ser o da produção rural e nisto, a defesa radical do complexo do açúcar e do algodão. Isto vinha acompanhado de uma retórica, em que se frisava a necessidade da construção de um Estado rico, forte e capaz de gerar o bem estar da população. Note-se, a partir daí, a ênfase no Estado e não na sociedade; ela teria um papel de expectadora das virtualidades revolucionárias. A sociedade teria que esperar pelo Estado, uma tese diametralmente diferente, da que era trabalhada pelo **Partido Comunista do Brasil**, onde fundava-se a estratégia de organização do que se poderia entender como a sociedade civil, vendo-se neste contexto estratégico, o lançamento de bases para o deslanche de atividade revolucionária.

Na medida em que o Governo intenta a sua proposta, as condições de vida em Alagoas estavam agravadas; além da crise econômica propriamente dita, por exemplo, o clima de revolução

chegou a ameaçar o abastecimento de Maceió. Há uma tentativa de controle de preços e de estoques, chegando a Prefeitura, ainda por exemplo, a determinar um tabelamento para o peixe. A **Associação Comercial** realiza avaliação do estoque de víveres e tenta uma tabela de preços, mas tudo, infalivelmente, teria de resultar em nada; nada vai impedir os impactos do custo de vida, mormente sobre os trabalhadores e as demais categorias de baixa renda, com os preços tomando caminho de níveis constrangedores. Basta considerar, que uma barrica de bacalhau no mês de outubro havia aumentado em 23.00% e bacalhau era fato na mesa do pobre. Neste contexto, a agiotagem passou a campear; os agiotas faziam desconto de cheque, operando ágios que variavam de 5 a 10.00%.

O exercício de viver estava agravado, especialmente para a pobreza e o rigor policial estava em alerta para manter a ordem pública. **Operários da construção civil** foram ao governo, argumentando que além do custo de vida, estavam enfrentando o desemprego, sinal de que não estava havendo investimento no setor. O funcionalismo público estava em condições vexatórias; chega-se a novembro sem o pagamento dos vencimentos; o problema do aluguel explodia e a crueza do cotidiano, aliado aos objetivos mais imediatos do Estado funcionavam como mola para o alerta da repressão; tudo isto fará com que o mês de novembro de 1930 seja marcado pelo mais profundo anticomunismo.

VI — A fera comunista

A pequena força de esquerda existente, encontrava-se sob severa vigilância; o governo estava ativo, no sentido de tolher qualquer possibilidade de agitação. O **José Maria Cavalcanti** (1), **Cabo do Exército** àquela época, informa ter visto preso nas dependências do **Quartel**, os princípios de 1931, o alfaiate **Pedro Codá** (2), um dos remanecentes do grupo anarquista de **Alagoas**. No fundo, contudo, tem-se de verificar, que a esquerda nada pesava e o governo deveria saber, através de seus sistemas de informação, quanto ao tamanho das forças e do nível de organização. Operando-se com rigor, os comunistas não poderiam ser considerados como um perigo imediato; não teriam qualquer possibilidade de uma afronta de peso ao sistema.

Acontece, que estava sendo policiada a própria concepção do sistema. O pequeno grupo de comunistas estava representando a função de um fantasma necessário; qualquer contestação que não ficasse presa ao imediato da disputa de postos era, imediatamente, esteriotipada. O **Partido Comunista do Brasil** devia ter no máximo, umas quatro ou cinco células distribuídas em Maceió e com baixo nível de integração, organização e militância. No interior, alguns raros elementos dispersos em **Penedo, Rio Largo, Pilar;**

todos eram lugares de indústria têxtil. Era um pequeno punhado de trabalhadores e uns raros intelectuais, como, por exemplo, **Alberto Passos Guimarães**, fillado ao partido em 1931.

VII — Conchavos e brechas

A excessiva vigilância somente possibilitava a ação do grupo comunista, na medida em que soubesse explorar as brechas existentes no sistema. Não haveria outra forma de atuar e manter toda uma ordem cultural interna de segurança, de conspiração e de discussão revolucionária sem meios e sem chance de ir às ruas, atuar com liberdade. Era necessário, que o sistema tivesse suas brechas vistas e trabalhadas, o que não acontece nos primeiros momentos revolucionários, aqui em Alagoas.

Como jogo de elite, o governo aliancista estava em posição confortável; antigos grupos aliados pelos democratas estavam de volta ao poder. No entanto, não consegue lançar qualquer programação de importância. No fundo, não havia uma postura para a mudança, para um avanço liberalizante do sistema; a ditadura estava implantada sobre a tradição e com ela iria conviver. Aparece um discurso sobre Alagoas modernizada, com o tom da implantação de um capitalismo forte. A prática seria a de manutenção dos esquemas tradicionais da composição econômica e política da vida estadual. Os impasses típicos do açúcar, os efeitos da seca, o banditismo no interior, a anacrônica produção rural e fatores semelhantes, incidiriam, também, nos entraves.

O grande problema é que a elite não se interessava por mudar a rota da acumulação, o que estaria associado numa postura modernizante, à perda da pobreza de perspectiva histórica para o próprio capital. Elite, tradição e rotina eram os termos básicos a informarem os conchavos que se abriam. Disto, decorre um novo vigor para a figura do coronel, do senhor de terra e isto passa para o arranjo em função de famílias, emergindo os **Góes Monteiro**.

A direita alagoana nunca se encontrou desavisada e nunca exitou em superar divergências internas, para enfrentar o que seria reconhecido como inimigo comum; o fator classe superava o fator fração. É o caso de 1922, onde o confuso socialismo da época foi objeto de pacto entre os grupos **Euclides Malta** e **Fernandes Lima**. Por outro lado, estes grupos sempre foram instrumentalizados por seus intelectuais e no caso de 1930, o perigo comunista sempre seria lembrado nos seus textos. Isto era oportuno para o sistema, pois equivalia a um deslocamento de suas questões para o eixo do comunismo; o capital não se dava à crítica dos seus entraves na formação alagoana; não se permitia ver a construção de sua própria fragilidade e, com isto, prejudicava sobremaneira a remoção

destes mesmos entraves. Neste sentido, não percebia ou não argumentava quanto às ameaças internas, inerentes à insuficiência gerencial, à impossibilidade estratégica de situar mudanças significativas na linha de produção. Os conchavos teriam de levar à uma linha mínima de modificações, impossíveis de ocasionarem mudança.

A existência de frações no patronato era minimizada, pela convergência estabelecida contra o comunismo e neste sentido, rigorosamente, o **Partido Comunista do Brasil** introduz às claras, o problema da luta de classe no universo político de **Alagoas**; polos estariam nitidamente em confronto e formalizados. É por aí, que a força de esquerda que surgia, tinha de ser destroçada; não interessava o tamanho do inimigo; interessava, isto sim, que ele existia.

VIII — Padres e intelectuais

Os conservadores teriam na Igreja um grande aliado; a Igreja mais do que coonestar, assume o patronato, tomando-o como aliado fundamental, chegando mesmo, posteriormente, a dar guarida a fórmulas exóticas de doutrinação de direita, como o **patronovismo**; posteriormente, realiza um contato intenso com o **integralismo**, a partir sobretudo do jovem **Padre Teofanes de Barros**, que logo o abandona, passando por uma revisão política (3). Igreja e intelectuais formavam o **corpus** ideológico básico do **anti-comunismo**. Um exemplo destes intelectuais está no controverso **Professor Luiz Lavenere**, que ingressará em 1933, como um dos articuladores do começo do **integralismo** entre nós.

Como vimos, o mês de novembro foi de intenso **anticomunismo**. Aparentemente, sem que existisse razões imediatas, o professor **Luiz Lavenere** lança dois ataques contra o **comunismo**; no dia 24 escreve "**Comunismo**" e, no dia seguinte, "**Contra o Comunismo**" (4). Considere-se que o governo faz publicar uma **Nota Oficial**, falando na necessidade de manter a ordem pública, em que menciona o fato de elementos estarem querendo tirar proveito da obra revolucionária, para agitação operária, no meio urbano e no meio rural. Falava de seu aparelhamento para reprimir qualquer agitação (5). É claro: os escritos do professor eram extensão ideológica e circunstancial desta nota; estava sendo intelectualizada a razão policial e incrementando uma tática política: a força do estigma. Daí, deste conjunto, o sistema teria condições de justificar a sua intervenção, de utilizar-se de medidas excepcionais, a exercitar o que considerava como à guarda do Estado. O que seria o **Partido Comunista** para causar tanto temor? Qual a razão, aproveitando uma cunhagem de **Clovis Moura** (6) de estar configurada a **síndrome do medo**?. A Igreja através da **Liga Católica Benefi-**

cente São José, lança um avulso reproduzindo o Professor Luiz Lavenère, em um dos textos mencionados. Publica da mesma lavra, um artigo especial: "Religião e Comunismo" (7).

Na mesma oportunidade, o Diário partir para um editorial falando aos trabalhadores e pedindo cautela com relação aos aproveitadores da crise. Estava-se diante da crítica impossível, condição típica de qualquer postura ditatorial.

IX — Escaramuças e crises

A ditadura desde logo começou a colocar as suas bases, mas a harmonia interna do Governo estava comprometida desde sua estruturação e isto vai transparecer quando é lançado um avulso contra Alfredo de Maya (8), com a acusação direta de oportunismo político; tratava-se de retaliação conduzida por uma das facções aliancistas, que tomava as páginas de O Diário como tribuna. A primeira grande onda seria lançada por Rodolfo Lins, atacando a administração de Alfredo de Maya à frente do Banco Central de Crédito Agrícola de Alagoas e procurava lançar sensibilidade quanto ao nome de João Pessoa. Pretendia-se recordar o financiamento pelo Banco, dos Pereiras da Paraíba; a acusação levava a uma atividade contra-revolucionária.

Sendo ou não verdadeira, a denúncia precisava ser investigada; dá-se uma resposta oficial, na qual se tem a lisura da administração, mas a suspeita política continuava em aberto. O grupo de Rodolfo Lins havia contestado a escolha de Alfredo de Maya, sob o argumento de que não havia tradição liberal e sob o argumento de que havia servido ao governo de Alvaro Paes. Após a nota, Rodolfo Lins lança mais material, repetindo o mesmo mote e o grande objetivo era a ligação com a remessa de armas para Princesa (9). O fundamental é que a discordância estava nas ruas e sinal de que o governo de Freitas Melro passaria a ser sacudido por uma série de disputa entre facções, o que terminaria por encaminhar a sua saída da Interventoria.

O esfacelamento do governo começa em janeiro de 1931, quando acontece a saída de Orlando de Araújo e um dos pontos de atrito estava em um elemento bastante sensível na política alagoana da época; o controle da Guarda Civil. Ao lado deste tipo de disputa, havia o adesismo, com a volta de pessoas comprometidas com a situação anterior. Era um ajustamento e consistia em adequar a velha elite, ao fato de que havia uma nova intenção de governo. No fundo, dava-se a duplicidade de interesses; antigos dirigentes necessitavam de respaldo governamental para a sobrevivência no mando e, por outro lado, o governo necessitava ampliar a sua sustentação.

X — O fantasma em cena

Ainda em janeiro de 1931, o sistema estava de volta e acirradamente, contra o fantasma alagoano. Anunciava-se a descoberta no **Rio de Janeiro**, de um movimento subversivo que deveria ter irrompido no dia 19; novamente, o fantasma era chamado à cena alagoana; sairia um texto de autoria de **Severo de Castro**: comentava a praga do **comunismo** e pedia que fosse travada uma guerra de extermínio (10).

Luiz Lavenère também voltaria à carga, sendo que desta feita, seu argumento era mais programático: para combater o **comunismo**, precisava-se minimizar a pobreza e dar proteção ao operário; encontrava, portanto, meio de fazer uma proposta para contorno da luta de classe:

“Ninguém se iluda com a afirmativa de que o comunismo não penetrará no Brasil somente com as providências de mandar prender e expulsar os propagandistas (...) O comunismo é uma doutrina sedutora (...) encontra terreno fértil onde há miséria e descontentamento (...) Como doutrina, o comunismo não pode ser repellido por violência (...)” (11).

Verificando a possibilidade de penetração do **comunismo** nesta pobreza, dirige-se aos trabalhadores e intentava demonstrar que não haveria qualquer vantagem para eles, na medida em que aderissem ao **credo vermelho**; no meio das razões tradicionais, havia a confissão do extremo nível de pobreza das Alagoas; a força policial deveria estar respaldada na mudança do perfil desta pobreza, caso contrário seria inútil, pois o perigo não seria extirpado. Ora, isto reforçava o apelo para uma proteção constante do sistema; em última análise realçava a natureza policialesca do combate, pois nenhuma intervenção seria possível para minorar o quadro de pobreza, que ele apresentava (12),

Duas linhas **anti-comunistas** estavam formadas nas Alagoas: a que pedia **guerra de extermínio** e a que pedia **Intervenção social**; nota-se que estão complementares no texto de Lavenere e isto seria seguido por **Alfredo Uchoa** e outros tantos que passam a escrever sobre o assunto. Mas enquanto se delineava esta nova crise do terror, as escaramuças continuavam no palácio de **Freitas Melro**. Ao que parece, **O Diário** passa a funcionar como ativador da dissidência; afirma que **Freitas Melro** estava demissionário e fala em dois nomes para substituí-lo: **Luiz de França** e **Aguinaldo Valente**; ambos eram ligados a **Juarez Távora**. Dentro da disputa, uma facção ligada a **O Diário** passa a abordar a necessidade da entrada dos **Góes Monteiro**, falando da elevação de **Pedro Aurélio** para o generalato e a possibilidade da vinda de **Silvestre Péricles** para ocupar a vaga de **Orlando de Araújo**. De acordo com **Rosita**

de **Góes Monteiro**, Silvestre teria sido o primeiro da família a demonstrar vontade de seguir carreira política (13).

Freitas Melro estaria ficando em posição vulnerável e, todo o processo se afunilava em direção a **Juarez Távora**, que, aliás, seria cortejado diuturnamente, enquanto teve o chamado prestígio de vice-rel. A sua vinda a Maceió em março de 1931 foi de extrema importância; revelou a sua aproximação com **Luiz de França** e demonstrou o cerco que lhe fazia a elite alagoana. Juarez veio acompanhado por **Agildo Barata**, ainda não vinculado ao Partido Comunista. Juarez seria hospedado por **Luiz de França**, que muito possivelmente, junto com **Aguinaldo** monta o esquema para a substituição de **Freitas Melro**. O clima de conflito estava montado e **Freitas Melro** vai perdendo posição; a saída de **Orlando de Araújo** iria impulsionar a sua queda; foi substituído por **Amando Costa Sampaio**, que entra no apogeu ao ocupar a **Secretaria Geral**; foi indicado por Silvestre (14), o que demonstra o início efetivo da penetração dos **Góes Monteiro** na política alagoana.

Enquanto se degladiava, a elite no poder continuava a vigilância sobre os comunistas; disto nasceria um pacto de união dos conservadores. Tomando o comunismo como motivo e vendo mais um passo de integração junto ao governo, o **Jornal de Alagoas** publicou um editorial, em que clama pela ordem social; o argumento era a necessidade de superar as divergências circunstanciais, por força da imperiosa necessidade de defesa do sistema contra seus inimigos.

Orlando Araújo sai; **Alfredo de Maya** passa a ser chamado de mentor de Melro; **Baltazar de Mendonça**, o Prefeito de Maceió, amplia a sua crítica sobre a Interventoria e **Freitas Melro** estava acossado. Além do mais, havia o impasse político gerado pelo **Secretário Geral**. O Interventor marca sua viagem para o Rio de Janeiro e, aí, dá-se a oportunidade para sua deposição. Era acusado de deixar-se dominar por Sampaio; este seria o Interventor de fato; o fomento da crise partia de **Luiz de França** e de **Aguinaldo Valente**, homens de inteira confiança e do esquema de **Juarez Távora**. Tudo se precipita às vésperas de sua viagem; não se aceitava que fosse substituído por Sampaio; estava posto um motivo.

No dia sete de agosto, era lançado um avulso convidando o povo para um meeting, a ser realizado no dia seguinte; a crítica à Interventoria era cáustica. A revista **Novidade**, que tinha em **Alberto Passos Guimarães** um de seus diretores, toma nítida posição favorável à saída do Interventor, além de ter postura contra a permanência de Sampaio, sendo bastante provável que esta tenha sido a posição do **Partido Comunista**, embora nenhum acordo tivesse sido firmado entre ele e as facções em choque. O fato é que Sampaio, na oportunidade das comemorações do **Primeiro de Maio** havia lançado uma série de perseguições, dizendo que estava confi-

gurado um complô nas Alagoas. Por outro lado, o clima que se vivia possibilitava aos **comunistas** estarem nas ruas, desde outubro de 1930. A deposição de **Freitas Melro** e a oposição ao **Secretário Geral** estava interessando à esquerda. Era uma exígua brecha aberta pelo sistema, situação eventual.

Criava-se na política alagoana, o mote da solução local; estava em plena evidência o nome de **Luiz de França**, temporariamente, Interventor, mas no entanto, representando a linha de **Juarez Távora**, a solução foi dada com o nome de **Tasso Tinoco**, vai ser a mola mestra da criação do **Clube 3 de Outubro**.

Os democratas (antigos perrepistas) continuavam avançando; para a sobrevivência do grupo, seria vital manter a franquia do voto, mesmo que a situação tivesse condições de manipular os resultados. A avaliação que realizavam do quadro nacional, levou a que abandonassem a posição defensiva; tanto é assim, que se faz uma convocatória para eleição do **Diretório** e, dentre outros pontos, pretender-se-ia votar o programa a ser dirigido ao eleitorado. Os **democratas (carcomidos)** estavam cientes de que haveria eleição. O **Semeador** publica um editorial, em que avança a necessidade de manter-se cautela contra o **comunismo**; fala da penetração comunista no que chamava de **classes populares** e frisava a necessidade de providências para que os conservadores saíssem fortalecidos, pela criação de um partido consistente. Curiosamente, talvez para enfatizar o perigo do comunismo infiltrar-se em tais camadas, circulava por Maceió o boato de que o **Padre Cícero do Juazeiro**, havia tomado a decisão de patrocinar a propaganda comunista; talvez o boato tivesse sua origem na esquerda.

Tasso Tinoco intenta uma reforma administrativa e o retorno foram críticas pesadas, mormente por parte da magistratura, motivando, inclusive, representação junto ao **Conselho Consultivo**. Na verdade, estava assumindo algumas posturas ousadas frente à máquina administrativa; entra, também afastamento com vistas às elites locais; ele não fora uma solução local. **Luiz Silveira**, através do **Jornal de Alagoas**, aproveitava a oportunidade para continuar sua guerra particular contra **Baltazar Mendonça**. O clima leva a que o governo apele, novamente, para as tradicionais razões de **segurança**, ameaçando aqueles que porventura distorcessem as intenções reformistas.

Tasso Tinoco estava enfrentando duas ordens de oposição e reagia com a razão policial. Os democratas estavam em trabalho pela constitucionalização e jornalistas que estavam no comando da **Associação Alagoana de Imprensa** divulgam uma nota de apoio à campanha. O **Jornal de Alagoas** solidariza-se com o **Clube 24 de Fevereiro**. Estava existindo a volta da atividade partidária e parece que os próprios outubristas estavam certos de que a tese da ditadura, da pedagogia revolucionária, não iria subsistir.

Os próprios outubristas começam a falar em partido, em preparo para embates eleitorais. Ao que tudo indica, estavam tomando decisão, antecipando a posição nacional do Clube; o problema ainda não estava equacionado para o 3 de Outubro e os outubristas alagoanos terão de recuar. Pretendia-se que a criação do partido, coincidisse com a vinda de Juarez Távora. Estavam tentando montar uma grande estrutura operacional para o Clube e, tanto é assim, que lançam um jornal que terminará tendo importância para o **Partido Comunista: O Estado**.

Da vinda de Juarez, resulta a montagem do Clube, com a presidência nas mãos de Luiz de França; Aginaldo Valente ficaria como Vice; Mário de Carvalho Lima ocuparia a Tesouraria, enquanto Tasso Tinoco e Baltazar de Mendonça assumiriam postos de direção, não especificados. Nesta altura, Rui Palmeira estava ocupando a Secretaria da Prefeitura de Maceló. Ele e outras pessoas da família Palmeira pertenciam ao grupo outubrista, que se definia como esquerda revolucionária. Cedo, esta esquerda estaria enfrentando os resultados do episódio do Diário Carioca. A Associação Alagoana de Imprensa remete telegrama para Getúlio Vargas e Macedo Soares; Bernardes Júnior fica encarregado de redigir um manifesto.

Em breve, as facções estarão em acirrada luta, dentro de duas organizações congregadoras da inteligência local: a Associação Alagoana de Imprensa e o Instituto dos Advogados. Tudo isto em face de um questionário encaminhado por Juarez, possivelmente julgado importantes para a defesa da tese contra uma constituinte. A Associação Comercial através de Tício Wanderley, responde favoravelmente à tese de Juarez, mas no Instituto dos Advogados, os dois grupos entram em atrito, com reações, por exemplo, da parte de Mário Mendonça e Arthur Acioli, atacando a remessa do questionário. O Clube 3 de Outubro reage através de nota oficial, com o peso político da assinatura de Luiz de França.

O Clube vai assumir a idéia da formação de um partido e passa a ser anunciada a realização do Congresso Revolucionário. Dentro da política alagoana, continuava a circular a expectativa eleitoral; os democratas acreditavam na realização em 1933 e haviam indícios, desde que se teve a designação de membros para o Tribunal Eleitoral em Alagoas. Os outubristas passam a falar com maior vigor, na criação de um partido e as vicissitudes da política nacional, levavam a um maior controle policial sobre os constitucionalistas, dando-se a prisão de Mendonça Júnior, com o Jornal de Alagoas deixando de circular por quatro dias.

A posição de Tasso Tinoco passa a ser ameaçada, começando a circular notícia a respeito de sua saída. Por outro lado, a expectativa das eleições levava a que a Igreja passasse a pedir

a seus fiéis, a necessidade de defesa de princípios; sua grande preocupação seria com o laicismo constitucional. Recorre à pregação de direita de Becker e chega a publicar uma pastoral de Bragança. É daí, que a Liga Eleitoral Católica surge em Alagoas.

As forças conservadoras em geral estavam em plena arregimentação. Tasso Tinoco é chamado ao Rio de Janeiro: o grupo ligado a Juarez Távora havia perdido posição e falava-se em dois nomes para ocupar a Interventoria em Alagoas: Afonso de Carvalho e Rodolfo da Mota Lima. Por outro lado, os democratas recuperavam espaço, estavam novamente arregimentados e forma-se o Partido Economista Democrático de Alagoas. O antagonismo entre os outubristas e os antigos perrepistas é acirrado; é criado o Partido Socialista com Helvécio de Souza na presidência, Inácio Brandão Gracindo na Vice. Baltazar de Mendonça seria o Secretário Geral.

É neste ano de 1932, que se instala em Alagoas uma poderosa organização de repressão política: a DOPSE. O Jornal de Alagoas mencionava a criação da Delegacia e falava de seu primeiro titular: o Juiz de Direito Júlio Vasconcelos. Ocorria quando estava em andamento, os feitos do movimento de São Paulo e a primeira providência da Delegacia, foi tantar coibir o que chamava de circulação de boatos. Um dos presos por boataria (flagrante delito) foi o cidadão Antônio Pureza. Aliás, o Departamento de Segurança Pública informava que seria inaugurada uma galeria de fotos de boateiros; dentre eles, o cidadão Arlindo Pereira, proveniente de São José da Lage, por onde deve ter cometido o seu delito.

Neste ano de 1932, o movimento operário que se realizava, foi marcado por duas situações distintas e complementares: teve-se a campanha de sindicalização levada a efeito pelo governo, enquanto a esquerda teve de manter suas organizações e penetrar nas que decorriam da atividade governamental. Aqui no Estado, as forças que poderiam ser consideradas como esquerda, tiveram uma larga penetração nas organizações instituídas dentro do programa do governo. A principal avaliação deste quadro foi realizada, justamente, pela DOPSE, em relatório preparado por seu titular Mário de Carvalho Lima; este relatório foi preparado para instrumentar o processo contra Alberto Passos Guimarães e outros. O texto de Mário Lima colocava esta penetração:

“ Em 1932, é fundada com a orientação do Governo e dentro das instruções emanadas do Ministério do Trabalho, a Federação dos Trabalhadores de Alagoas. Mas a despeito do controle por parte do governo e da ação policial, dentro dos sindicatos a agitação toma vulto tal, que em princípio de 1933, o então Interventor Federal, vê-se obrigado a deportar para o Rio de Janeiro um numeroso grupo extremado (10).

No ano de 1932 aparecem diversas entidades patrocinadas

pelo programa governamental, mas aparecem, também, importantes núcleos de esquerda. É neste ano que se funda uma das entidades mais importantes, na história política dos trabalhadores alagoanos; trata-se da **União Geral dos Trabalhadores**, fundada em 21 de fevereiro, em sessão solene realizada no **Montepio dos Artistas**.

Eram reorganizadas ou criadas as mais diversas entidades; Assim, por exemplo, o **Sindicato dos Carroceiros**, cuja sede em **Jaraguá**. Os ferroviários mantiveram uma sucursal do **Sindicato dos Ferroviários da Great Western**. Funda-se o **Sindicato dos Sapateiros**. Tem-se a **União Operária em Construção Civil**, o **Sindicato da Usina Brasileira**, **Sindicato da Fábrica de Tecidos do Pilar**, **União Sindicalista dos Alfaiates de Maceió** e **Classes Anexas**, funda-se em 12 de setembro o **Sindicato dos Pedreiros** e no dia 12 de dezembro, o **Sindicato dos Marítimos**, em sessão realizada na sede da **Sociedade Beneficente das Classes Operárias de Maceió**. É possível mencionar um grande número de entidades operárias em Maceió; praticamente, em toda a indústria têxtil existia trabalho sindical. O próprio **Clube 3 de Outubro** incentivava a sindicalização.

As solenidades de **Primeiro de Maio** (1932) são particularmente importantes, pelo fato de que deixam evidenciado, o choque que acontecerá entre a direita e esquerda. O **Montepio dos Artistas** faria uma sessão solene, onde falaria o seu orador oficial: **José Luiz de Oliveira**. Seu tema seria caro ao desenvolvimento da pregação integralista: **Deus, Pátria e Família**. A contrapartida aconteceria com a **União Geral dos Trabalhadores**, que faria uma pequena passeata de sua sede (Rua do Comércio, 610), até a **Praça Deodoro**, onde seria realizado um ato público; tratava-se de um passo arriscado, face à repressão policial.

Tasso Tinoco esteve empenhado em seguir as instruções do Ministério do Trabalho; além de incentivar a sindicalização, tratava de montar a **Comissão Mista de Conciliação e Julgamento**, da qual faziam parte os trabalhadores **Benon Roberto** e **José Tavares Lima**. Benon pertencia ao **Sindicato dos Trabalhadores em Carne Verde** e seguramente era comunista. Neste contexto, os operários não tardam em realizar as primeiras investidas; o **Sindicato dos Comerciários** reúne-se para tratar da jornada de trabalho de oito horas; o **Sindicato dos Trabalhadores em Calçado**, entra em contato com **Freitas Cavalcanti** (Ministério do Trabalho) e ingressa contra um proprietário de sapataria, que se havia negado a conceder os dispositivos legais relativos a férias.

Os trabalhadores voltam-se para estruturarem uma cooperativa de consumo e vão em busca do apoio de **Tasso Tinoco**. A **Cooperativa dos Trabalhadores de Alagoas** é criada e um de seus dirigentes é comunista: **Costa Neto**. Brevemente apareceria a **Federação dos Trabalhadores**; **Aristofanes Trindade** e **Américo Sa-**

pateiro procuram o Interventor e recebem apoio. A **Federação** foi fundada em sessão realizada na sede do **Sindicato dos Comerciantes**, onde se deu a leitura dos estatutos e a composição da primeira diretoria. O Presidente seria **Aristófanes Trindade** e **Américo Sapateiro** (Américo Coelho) ocuparia a presidência da **Comissão de Fiscalização Geral**. **Aristófanes** consegue penetrar na redação de **A Notícia**, razão pela qual se tem farto noticiário sobre as atividades da organização.

No mês de novembro de 1932 começam as greves e a primeira foi realizada em **Fernão Velho**; **Trindade** entre em contato com o advogado da empresa (**Carlos de Gusmão**) e tudo é aparentemente contornado. Os operários haviam guardado as instalações da fábrica, até que a polícia chegasse. Na verdade, a greve não foi tão pacífica, quanto a imprensa a representava: os líderes perderiam o emprego e seriam presos; **Aristófanes** chegou a ser chamado para prestar depoimento na polícia, mas, mediante a intervenção de **Miguel Batista**, Chefe do **Departamento de Segurança Pública**, termina por ser liberado. Um outro movimento grevista acontecerá; eram os padeiros exigindo a observação da legislação trabalhista; antes que o movimento ganhasse corpo, **Freitas Cavalcanti** reúne as partes e lê um documento de reivindicação dos trabalhadores; os empregadores pedem tempo, é dado um prazo de 24 horas; posteriormente os patrões aceitam e tudo se normaliza.

Nos fins do primeiro semestre, noticiava-se o aparecimento de um jornal: tratava-se de **Voz Operária**, cuja direção estava sob responsabilidade de **Dantas Albuquerque**; a **Federação** anunciava um outro periódico e que teria caráter socialista: **Vanguarda Operária** e dele participava **Alberto Passos Guimarães**, sinal da presença comunista. Não resta dúvida, que em todo este processo, **Aristófanes Trindade** tem uma participação fundamental, embora com claras articulações junto ao governo.

Pouco se sabe de sua posição; apresentava uma tese vaga sobre o que chamava de **socialização dos povos**, matéria central de um dos raros textos de sua autoria, aliás, o único que conhecemos: "**A doutrina da sindicalização em Alagoas**" (16). Ao que parece, o tema seria aceitável pelo governo. A **Federação** era uma entidade legalista, lutava pela prática da legislação trabalhista. As atividades da **União Geral dos Trabalhadores** e a penetração de elementos de esquerda dentro das organizações oficiais, levavam a que as reivindicações entrassem em um crescendo. A esquerda ao mesmo tempo em que se infiltrava, conseguia manter a **União**; com isto, influencia a saída da simples reivindicação trabalhista para a preocupação com a vida do trabalhador, onde, infalivelmente, a crítica ao sistema teria de estar instalada; conquistava espaços, levava a luta adiante e seria responsável pela radicalização que ia transparecendo no seio do movimento operário. A **Federação**

será interveniente no dissídio entre **Borstelmann**, carroceiros e trapicheiros; interfere junto à **Aliança dos Retalhistas**, na questão da jornada de oito horas e estuda o fechamento do **Sindiccato de Utinga**.

A primeira notícia que se tem do movimento operário no ano de 1933, diz respeito a uma reunião, que seria realizada no **Sindicato dos Gráficos**; devia ter sido matéria de rotina. Naquela altura, contudo, o movimento estava atingido o ponto mais radical de sua confrontação com o sistema; um sinal balizava a evidência que, em breve, ter-se-ia uma ação rigorosa por parte do governo. Uma comissão de trabalhadores representa contra o sub-delegado local, acusando-o de, a mando dos patrões, perseguir os operários sindicalizados. O **Sindicato de Fernão Velho** era um dos mais fortes do Estado e nele havia grande penetração comunista.

O movimento deve ter-se avallado suficientemente forte, para convocar o **I Congresso Operário de Alagoas**, cuja abertura seria realizada na **Perseverança** e as demais sessões seriam realizadas na **União Geral dos Trabalhadores**. Era uma atitude ousada; havia greve, tinha-se problemas com a polícia e é neste clima, que aparece o **Congresso Operário**.

Nesta oportunidade, estava-se na interventoria de **Afonso de Carvalho**, cuja intenção mais imediata era montar o chamado partido da revolução, tentando agrupar elementos das facções da elite: os democratas e a chamada esquerda revolucionária. Começa a receber e a lidar com os primeiros pleitos; o **funcionalismo** estava em situação angustiante, que ia além da emergência estabelecida em 32; as classes conservadoras preocupavam-se com imposto e orçamento. Principla por adotar uma imagem liberal, tentando minimizar o choque entre os grupos tradicionais. Reune os órgãos de imprensa e afirma que a **censura** iria terminar; pedia a **auto-censura**.

Continuava a expectativa das eleições; outubristas agora alinhados no **Partido Socialista** e os democratas montam seus esquemas eleitorais. **Afonso de Carvalho** não consegue instalar a tutela que desejava, através da montagem do partido do Interventor. No entanto, o **Partido Nacional** seria fundado e seria uma acomodação passageira da elite alagoana. **Graciliano Ramos** fez parte de sua Executiva. A Igreja estava impulsionando a **Liga Eleitoral Católica**, sob as vistas de **Lourival de Mello Mota** que discorda de seu encaminhamento. No seio das composições, **Afonso de Carvalho** coloca **Silvestre Péricles** na Executiva, **Edgard de Góes Monteiro** vai para a Prefeitura de União dos Palmares e, compondo com os democratas, leva o **Major Lucena** a julgamento, sendo absolvido e incorporado, novamente, à **Polícia Militar**.

Possivelmente de inspiração maçônica, nascia a **Liga Alagoana pelo Pensamento Livre**; defendia princípios liberais. Mais tarde, ela iria cumprir um papel de relevo, na luta contra o facismo;

contava em sua direção, com dois nomes de expressão dentro do conjunto das forças democráticas de Alagoas: **Sebastião da Hora e Esdras Gueiros**. Contudo, contava em sua direção com o nome de **Luiz Lavenere**, que logo-,logo vincula-se ao integralismo. As mulheres estavam em ativa, através de uma organização conservadora cuja liderança estava nas mãos de **Lily Lages**. Aparecem as candidaturas, com **Américo Melo** apresentando-se como socialista. **Mário Mendonça** sai como candidato avulso, contando com o apoio da **Federação dos Trabalhadores**. Para surpresa, **Olympio Santana** constava como candidato a deputado e, seguramente, era membro do **Comitê Regional do Partido Comunista**. Os resultados seriam esperáveis: o **Partido Nacional** era o grande vencedor e o grande perdedor era o **Democrático**.

Olympio Santana vinha do antigo grupo anarquista e sua militância começa na primeira década do século; era um dos coordenadores do **Congresso Operário**. Antes da realização da primeira sessão, existiam sérios problemas em **Rio Largo** e as conseqüências das greves vão marcharem em direção ao Congresso, que já contava com a adesão de 21 entidades de trabalhadores. A **Comissão Organizadora** era composta por **Vicente Moura, Virgínio Souza, Justino Mendes e Manoel Rodrigues**; os três primeiros eram nitidamente de esquerda. A sessão inaugural foi presidida por **Manoel Rodrigues**, Presidente da Federação; o primeiro pronunciamento é de **Aristófanes Trindade** e os trabalhos são iniciados com a coordenação de **Olympio Santana**. Nesta primeira sessão, são defendidas as teses dos padeiros e os estivadores; as demais sessões iriam acontecer uma vez por semana e deveriam funcionar na sede da **União Geral dos Trabalhadores**, o que não vai acontecer, em virtude da intervenção policial, no sentido de anular as lideranças e cercear o funcionamento das entidades de trabalhadores.

Os trabalhadores da indústria têxtil, nas indicações que realizaram, priorizavam a uniformização de salário, jornada de oito horas com salário integral e extinção do serviço de multa. Os trabalhadores açucareiros, além das oito horas e da extinção das culpas, defendiam o fim da prática dos vales; o pessoal do campo falava na jornada de oito horas e medição de tarefas com trenas. Os trapicheiros discutiam a necessidade de regulamentação quanto ao peso e a fixação de uma tabela uniforme por volume. Os estivadores pediam a extinção dos contratantes; os carroceiros reivindicavam a isenção dos impostos municipais, uniformização de tabelas; pedreiros e mobiliários, a fixação de tabelas e os comerciários defendiam aumento salarial e regulamentação de jornada de trabalho.

Ao lado de uma série de fatores específicos, eram postas reivindicações de caráter geral: assistência médica, farmacêutica e hospitalar nas fábricas. Falava-se na necessidade da extinção

dos mocambos, padronização e higiene da habitação operária; argumentava-se a necessidade de criação de cooperativas de consumo e de produção. Acontecem, contudo, posições marcadamente políticas, em choque com a orientação governamental. Entra a escola laica, mantida pelo Estado e a ser administrada pela própria Federação dos Trabalhadores; argumenta-se com a necessidade de criação de escolas noturnas no campo e na cidade e, especialmente, considerava-se inaceitável a presença da burguesia na Constituinte. É o desenvolvimento desta idéia, que deve ter gerado a candidatura de **Olympio Santana**.

Contudo, o grande problema com a polícia passa a acontecer, quando foi criado um comitê de socorro aos operários de **Fernão Velho**, que haviam sido dispensados. Com isto, o Congresso estava assumindo o movimento grevista e prestava solidariedade aos presos e dispensados. Há, portanto, toda uma estratégia da esquerda, no sentido de comprometer a Federação. É assim, que publicava uma nota, falando da expulsão de 17 famílias, por ocasião da greve de **Fernão Velho**, realizada em 1932; interporia recurso junto ao Ministério do Trabalho e aí, há uma saída significativa da ordem propriamente trabalhista, para integração com o movimento grevista. A **União Mercantil** tenta uma composição, patrocinando indenização equivalente a três salários. A Federação não aceita; argumenta que 17 trabalhadores não poderiam conseguir, à força, a paralização de 2.000 operários. Com isto, estava assumida a defesa da greve como instrumento legítimo. A intervenção da polícia passa a ficar clara; uma nota do **Sindiato dos Comerciários** deixa antever, que as entidades operárias tinham suas reuniões proibidas, até segunda ordem.

A intelectualidade de direita toma posição; é o caso de **Fulgêncio Paiva**, autor do primeiro texto alagoano de defesa do fascismo. O movimento grevista tomava uma proporção, talvez nem mesmo pressentida pela liderança: vira uma bola de neve e, em breve, atinge a um dos pontos sensíveis da produção, o cinturão têxtil de Maceió. A **Alexandria** entra em greve e é ocupada pela polícia. A distribuição de panfletos considerados subversivos, desencadeia uma atuação mais vigorosa por parte da polícia. Acontecem prisões e deportações. Um dos deportados seria **Alberto Passos Guimarães**, especialmente por sua atuação no jornal **Vanguarda Operária**. Outro comunista preso e deportado, foi o **Gororoba** e até mesmo **Américo Sapateiro** entrou no rol dos indesejáveis.

Em todos estes momentos, verificamos a existência de um grupo comunista em atividade política, mesmo sob severa pressão. Encontrava as brechas e trabalhava. É praticamente impossível determinar quando a idéia de comunismo passou a ser discutida em Alagoas. Contudo, é razoável situar os inícios, por parte de 1924 e é de se pressupor, que por volta decorre de remanescentes do grupo anarquista; é deste grupo, que aparecem nomes como

Rosalvo Guedes, Pedro Codá e Olympio Santana. A história oral do Partido Comunista Brasileiro em Alagoas aponta o ano de 1928, como o da fundação.; há suporte documental para esta afirmativa, colhida de Geraldo de Majella.

É bem verdade, que antes de 1928 existiam comunistas em Alagoas, mas não havia estrutura partidária. O Estado era constantemente visitado por militantes vindos do Rio de Janeiro e mais assiduamente do Recife, com a finalidade de propaganda e montagem de cédula. Nada, contudo, resulta de positivo. Aliás, mesmo no ano de 32, quando se teve a intensa movimentação demonstrada anteriormente, as ligações do Partido com seu nível de coordenação nacional eram tênues e inseguras; as articulações mais diretas eram realizadas com Pernambuco, onde se dava grande risco, em face às constantes infiltrações policiais no Comitê daquele Estado, segundo informações dadas por Alberto Passos Guimarães.

Os anos de 1917 a 1920 foram vitais para a organização do movimento operário em Alagoas; deste período, deriva praticamente uma década de apatia e, não resta dúvida, que este clima dificultou a estruturação de um Partido Comunista no Estado. Este clima de pasmaceira foi mencionado em matéria de redação, de um jornal que deve ter sido o primeiro órgão de imprensa comunista em nossa terra. Trata-se de O Proletário e editava-se esporadicamente, desde 1927. Em janeiro de 1929 tinha redação e oficina situadas na Barão de Penedo, n. 46 (17). Era secretariado por S. B. Oliveira e tinha como redatores: Luiz de Souza e H. Alexandrinho.

O jornal argumentava com a necessidade de rearticulação e afirmava ter ocorrido um estímulo, com a recente vitória dos trabalhadores no Rio de Janeiro. Tudo nos leva a crer, que o pequeno jornal estava refletindo o início de uma ação organizada, por parte do Partido Comunista. Antes de 1928, como falamos, as atividades resumiam-se às visitas. A primeira célula aparece articulada por Américo Coelho Omena, o Américo Sapateiro, dando-se a vinda de um militante conhecido como José Francisco. Américo Sapateiro era um antigo militante no movimento operário, tendo ingressado na Federação dos Trabalhadores, no ano de 1910. A primeira reunião convocada, seria realizada em sua oficina, segundo depoimento de Olympio Santana.

O Américo Sapateiro morava na Rua São João e é em sua casa, que funciona a primeira célula em Alagoas, cuja denominação era A.A. Além de Américo. Faziam parte Sérgio Pueirame, José Costa Neto e José Lourenço. Olympio Santana diz que participou desta reunião e que estava presente um acadêmico por nome Adelmo e que teria vindo do Rio de Janeiro, representando o Partido.

Sérgio Pueirame era presidente do Sindicato dos Trapicheiros, tendo longa militância, vindo da geração de militantes da primei-

ra década do século; **José Costa Neto** era o diretor de **O Proletário**. O crescimento do Partido em Alagoas, deriva desta célula inicial. Posteriormente, novos nomes são agregados, como o de **Júlio Galego (Júlio de Almeida Braga)**, que foi levado para a organização por **Antônio Noberto Holanda**, mais tarde expulso da organização; fazia parte também um ex-músico do 20 Batalhão de Caçadores: **J. Barbosa**. Um outro militante era apenas identificado como **Virgínio**.

O crescimento leva a que, possivelmente já em 1929, seja realizada a eleição para o Comitê Regional; a reunião acontece no Farol, em sítio de **Américo Melo**, na casa de um empregado da Força e Luz, conhecido como **Pedro**. É nesta eleição, que se dá o primeiro "racha" na organização, quando **Horácio Gomes de Melo** fica com a Secretaria, preterindo-se o nome de **Américo Sapateiro**, que se afasta do quadro partidário, continuando, no entanto, a manter ligações. **Olympio Santana** vai ocupar a posição de Tesoureiro e foram criadas diversas comissões: Juventude, Agrária, Mulher Trabalhadora. **Olympio** confirmou a sua eleição para Tesoureiro e **Horácio Gomes** a sua indicação para Secretário.

Horácio era um sapateiro e estava filiado ao Partido, desde 1926; talvez tenha sido esta a principal razão de ser eleito Secretário. Paulatinamente, **Américo Sapateiro** afasta-se e em 1932 estará articulado ao sindicalismo governamental. Seu longo depoimento foi prestado em 1937, quando estava inteiramente ligado à Ação Integralista, inclusive fazendo parte de sua polícia secreta. O choque político desta organização vai ganhar relevo, quando se formaliza a direita alagoana, em torno da Ação Integralista.

Em torno de um ano após o lançamento do **Manifesto de Outubro**, **Plínio Salgado** comandou pessoalmente, uma bandeira com destino ao Norte do País. Quando de seu retorno, escala em Maceió e recebe as homenagens de seus correligionários alagoanos. Havia sido programada uma conferência na sede da Perseverança e, desta visita, formaliza-se o núcleo alagoano. Ficava designado um Triunvirato, por ordem baixada pelo **Chefe Nacional**. Alguns nomes de prestígio estavam associados, como o de **José Lins do Rego**. Foi o escritor paraibano, quem cooptou **Moacir Pereira** (18), pessoa de prestígio na sociedade, intelectual e fazendo parte do seletto corpo docente do **Lyceu Alagoano**.

Tudo havia sido preparado para a vinda de **Plínio Salgado** e parece que o elemento de ligação foi **José Lins do Rego**. O grupo distribui uma espécie de manifesto-convite, inclusive em redações. O encontro de **Plínio Salgado** com Alagoas foi presidido por **Domingos Fazio Sobrinho**; Falaram **Moacir Pereira** e **José Lins do Rego**. O resultado é que a **Chefia do Triunvirato** fica com **Moacir**, **Carlos Gomes de Barros** será Secretário e **Manoel Vasconcelos**, Tesoureiro. A tarefa deixada era a organização do grupo de centralização, Departamento de Propaganda e a **Ação Integralista Universitária**.

A conferência recebe pouca divulgação da imprensa; o único jornal a publicar o texto do manifesto-convite, foi o órgão oficial da Igreja: **O Semeador**. No entanto, o **Diário de Maceió** assume a doutrinação direta e poderia ser considerado como o primeiro órgão de imprensa marcadamente integralista; era dirigido por **Arnóbio Valente Filho**. O **Triunvirato** trabalhou, mas devia contar com um pequeno grupo; pelos finais de 1933 estavam formados dois pequenos núcleos: **Maceió** e **Penedo**. O núcleo penedense foi derivado da atividade direta de **Gustavão Barroso**; somente depois, é que o movimento se entrelaça. As pessoas na linha de frente em **Penedo** eram **Oceano Carleal**, **Sinay Tavares** e **Eduardo Santa Rita**.

A documentação pertinente ao movimento integralista em Alagoas é rara, mas dentro do que restou, existe uma peça de valiosa importância: o **Livro Caixa da Chefia Provincial**. A listagem do pagamento de jolas demonstra ter sido um grupo inicialmente pequeno; mas este grupo se destina à propaganda. O movimento vai crescer e os registros do livro caixa permitem pensar em cerca de 90 pessoas até junho de 1934; apesar de ser realizado pela elite alagoana, o crescimento vai ser feito incorporando sobretudo a baixa classe média. Haviam os grandes contribuintes, como **Benon Maia Gomes**, **Afrânio Lages** e **Moacir Pereira**, mas a classe modal estava entre 1\$000 a 2\$000.